

## OS 60 ANOS DO ISSS: ENTRE A HISTÓRIA E OS DESAFIOS DO FUTURO <sup>1</sup>

*Francisco Branco \**

Procedemos hoje ao encerramento solene das comemorações dos 60 anos de vida da nossa instituição, sensivelmente um ano depois de, num gesto simbólico, termos aberto oficialmente o programa das comemorações em Beja, na delegação do ISSS, na ocasião do encerramento do ano lectivo em que se completou o primeiro curso da licenciatura em Serviço Social aí ministrado.

Como assinalámos no programa das comemorações a celebração da fundação do Instituto assumia, no actual contexto de forte expansão da área das Ciências Sociais e Humanas e de crescente exigência colocada ao ensino superior em Portugal, uma relevância fundamental. A sua comemoração deveria contribuir para a valorização do capital histórico do Serviço Social, aprofundamento dos laços com a sociedade portuguesa, com as organizações profissionais e com as personalidades com as quais o Instituto manteve ou tem mantido relação. Igualmente, as iniciativas a desenvolver deveriam constituir uma oportunidade de reflexão sobre os desafios que se colocam ao Instituto.

É face a este desiderato que me proponho proceder a um breve balanço das comemorações, pontuar alguns dos marcos históricos significativos na vida do Instituto e ensaiar uma reflexão sobre alguns dos principais desafios que se colocam à nossa instituição.

### I

Ao longo de dez meses o ISSS vestiu o olhar de verde e fez a festa dos seus 60 anos. Através de ciclos de debates em Lisboa e Beja estivemos em relação com per-

---

\* Presidente da Direcção do ISSS.

<sup>1</sup> Comunicação proferida na Sessão Solene de Encerramento das Comemorações dos 60 anos do ISSS, Lisboa, Maio 1996.

sonalidades do meio académico, profissional e de organizações sociais, partilhando e debatendo questões de relevante actualidade.

Através de jornadas nacionais e regionais o ISSS estabeleceu contacto estreito com organizações empregadoras e profissionais trazendo à reflexão temas relevantes para a formação em Serviço Social e a política de relação e apoio à comunidade.

Realizámos, com organização da Associação de Estudantes, um ciclo de cinema sobre os direitos humanos e as minorias.

Lançamos um processo interno de reflexão sobre a revisão do Plano de Estudos tendo igualmente promovido através da Coordenação Geral de Estágios um encontro de reflexão sobre esta matéria como os orientadores dos locais de estágio.

Recentemente, promovemos o Encontro sobre Formação em Trabalho Social — modelos de relação teoria-prática na formação, com a participação de diversas escolas europeias com que o ISSS mantém laços de cooperação.

Na passada 3.<sup>a</sup> feira, procedemos ao lançamento do livro sobre a obra e a vida do Padre Honorato Rosa, um momento de grande significado no quadro destas comemorações.

Igualmente criámos o Fundo Honorato Rosa — ISSS com a finalidade de promover *o desenvolvimento do ensino e da pesquisa de alunos e professores na área do Serviço Social / Políticas Sociais, através de apoios a actividades de pesquisa, ensino e difusão relevantes para o desenvolvimento desta área*. Hoje, na primeira actividade realizada no âmbito deste Fundo, procederemos à atribuição do prémio de mérito Honorato Rosa - ISSS.

O balanço é a nosso ver muito positivo e estamos certos que a realização das actividades não concretizadas, quer pela sua natureza quer por exigências de organização, como o Congresso previsto para Novembro, reforçarão ainda mais esses resultados.

Em nome da Direcção do ISSS quero agradecer aos docentes e personalidades que aceitaram o nosso convite para integrar a Comissão de Honra. Quero igualmente agradecer aos membros da Comissão Executiva. Expresso igualmente os meus agradecimentos a todos quantos, directa ou indirectamente, contribuíram para a viabilização das actividades deste programa de comemorações.

Quero finalmente agradecer, à Cinemateca Nacional, Câmara Municipal de Beja, ao Instituto Alemão, à Secretaria de Estado da Segurança Social, os apoios logísticos e financeiros que nos concederam.

## II

A história deve ser escrita pelos historiadores, pelos investigadores em geral, quando o tempo já permitiu a decantação dos factos e contextos e a distância, e/ou

mesmo o desaparecimento físico de alguns dos seus principais protagonistas, permitem o arrefecimento das paixões, envolvimentos e interesses. Aceito no entanto o risco de pontuar marcos, contextos e figuras que teceram e vêm tecendo a nossa história institucional, e que numa interpretação pessoal, apoiada em alguns estudos e pesquisas e numa vivência institucional de quase 25 anos, me parecem relevantes no percurso e construção da identidade do Instituto. Trata-se de assumir um risco necessário, contra a cultura do esquecimento, contra o branqueamento da história, contra a auto-desvalia.

O Instituto tem razões para se orgulhar do seu percurso histórico, como primeira escola superior de ensino particular do país, com relevantes serviços prestados à sociedade portuguesa e às suas instituições e organizações sociais. Mas a riqueza do ISSS não se confina ao seu papel social e utilidade pública. O Instituto condensa, hoje, um importante património cultural e científico.

No plano da **cultura organizacional e de gestão**, o Instituto deve valorizar o facto de ser detentor de uma cultura democrática e participativa. A democratização das estruturas de gestão, a participação dos diferentes actores institucionais na vida da Escola, o reconhecimento do direito de expressão, organização e participação dos estudantes, professores e funcionários é uma aquisição institucional que, sendo naturalmente potenciada pela liberdade que Abril de 74 devolveu ao país e aos portugueses, marcou a experiência da Escola pelo menos desde o início dos anos 60.

Nestes 60 anos de actividade, e particularmente também desde os anos sessenta, o Instituto Superior de Serviço Social, ensaiou, estruturou e consolidou uma **concepção de formação** dos profissionais da intervenção social que deve ser destacada como o seu principal património e riqueza e lhe permitiu alcançar uma posição singular no contexto europeu.

Num contexto socio-político particularmente difícil e avesso às Ciências Sociais, o ISSS soube desconfessionalizar o ensino, construir uma concepção do Serviço Social como profissão e basear a sua formação no quadro das Ciências Sociais e Humanas.

O Plano de Estudos elaborado em 1983/84, e implementado em Outubro de 1985, instrumento relevante do processo que conduziu ao reconhecimento da licenciatura em Serviço Social, sintetizou um percurso em que a formação em Ciências Sociais e a perspectiva da Intervenção Social se articularam de uma forma progressivamente mais rica e potenciadora.

Outro património com futuro do ISSS, é o lugar que desde sempre foi reservado aos estágios curriculares na formação em Serviço Social. Presentes no primeiro Plano de Estudos oficial de 1939, os estágios têm constituído até ao presente uma componente estrutural da formação, concebidos como nível de *formação prática*, de

*serviço à comunidade e de relação com a vida social e a profissão*, acompanhando naturalmente a sua orientação as transformações da linha enformadora da formação.

Este importante património cultural e científico, é produto histórico do cruzamento rico de pessoas e projectos diversos.

De entre muitos que fizeram a história da nossa instituição nestes seus 60 anos de vida, o Padre Honorato Rosa, foi indiscutivelmente uma das personalidades que marcou profundamente a história do Instituto e que contribuiu decisivamente para a afirmação da escola e do Serviço Social como disciplina das Ciências Sociais e Humanas orientada para a Intervenção Social.

A democratização das estruturas institucionais, a renovação e profissionalização do corpo docente, a corajosa abertura aos desafios sociais e políticos do seu tempo, uma concepção alargada e integrada da vocação institucional recobrando as áreas da formação permanente, divulgação e extensão cultural, assessoria e pesquisa social, a viragem para uma nova política de formação em Serviço Social fundada nas Ciências Sociais e Humanas, são alguns dos principais vectores de uma nova orientação político-institucional e cultural que o Instituto percorreu com o Padre Honorato Rosa. O documento programático que propôs à discussão dos professores ao iniciar o seu mandato, e que a oportunidade da publicação do livro sobre a sua obra e personalidade, trouxe de novo a lume, é uma prova eloquente da visão institucional de Honorato Rosa. Convido-vos a todos a lê-lo, na convicção de que descobrireis que muitas das orientações e propósitos que vêm marcando a nossa vida colectiva mais recente, já há muito integravam o nosso património, o projecto de ser, Escola Superior Universitária.

A direcção colegial por si constituída teve na Dr.<sup>a</sup> Margarida Abreu um destacado elemento, pelo seu papel relevante no esforço de reflexão crítica, conceituação e perspectivação da formação em Serviço Social e da profissão. Na sua condição de professora e sub-directora produziu obra escrita de indiscutível pertinência e essencial ao estudo do Serviço Social em Portugal.

Quando Abril nos visitou, o Instituto já vinha treinado, desde os anos sessenta, para a modernidade (Fernandes, 1985). A nível da formação, as linhas de evolução estavam traçadas desde 1972/73, e a experiência de gestão que se tinha desenvolvido permitiu à Escola encontrar as soluções institucionais adequadas à transição para um novo contexto sócio-político.

Nos anos imediatos, a acção da Instituto é marcada por dois propósitos essenciais: a integração na orgânica do ensino superior oficial e a articulação da formação em Serviço Social com as outras áreas das Ciências Sociais. Muitos esforços foram neste sentido desenvolvidos sendo de destacar a participação no Grupo de

Trabalho Encarregado da Reorganização dos Planos de Estudos dos Cursos de Ciências Sociais, que previa a criação da Licenciatura em Serviço Social. Processos com o mesmo objectivo foram desenvolvidos com a Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova e o ISCTE. O propósito de ser parte integrante do Ensino Superior Público e parceiro de outras formações universitárias na área das Ciências Sociais e Humanas não foi atingido mas constitui uma referência institucional que importa resgatar. Nessa fase da vida do Instituto permito-me destacar duas figuras marcantes: os docentes Ernesto Fernandes e Manuela Portas, membros de diferentes e sucessivos Conselhos Directivos entre 1974 e 1984, e principais responsáveis pelo projecto que animou o Instituto neste período riquíssimo da nossa vida colectiva. A sua liderança estão igualmente associados a criação do Departamento de Formação Permanente (1981), o lançamento da Revista *Intervenção Social* (1984) e a decisão estratégica de elaboração e de aprovação do Plano de Estudos da Licenciatura em Serviço Social (1983/84), com a duração de 5 anos, que viria a ser implementado no ano lectivo 1985/86.

A partir de 1985/86 o reconhecimento do grau de licenciatura passa a ser o principal objectivo institucional. Num longo e importante movimento, que mobilizou o meio académico e o corpo profissional, o reconhecimento da Licenciatura em Serviço Social veio a ser consagrado em Setembro de 1989. Acto de justiça no reconhecimento social da profissão e da formação ministrada pelo Instituto, este processo teve, nesta fase decisiva, na Dr.<sup>a</sup> Maria Augusta Negreiros, a principal protagonista por parte do ISSS. A sua determinação política e persistência foram decisivas para a sua concretização. Sob a sua liderança o ISSS veio igualmente a desenvolver, a partir de Fevereiro de 1987, o Programa de Mestrado e Doutoramento em Serviço Social, através de um protocolo de intercâmbio com a PUC-SP, linha essencial ao desenvolvimento da Escola.

Outro marco relevante nesta fase da vida institucional foi a constituição, em Abril de 1986, da Cooperativa Instituto Superior de Serviço Social, CRL, materializando a opção pela forma cooperativa como via de ultrapassar a situação de indefinição jurídico-institucional em que o ISSS se encontrava desde 1974. Registe-se na defesa e animação da solução cooperativa o papel do Dr. Jorge Cabral que viria a ser o seu primeiro presidente da Direcção.

Neste breve olhar pela história dos 60 anos da nossa instituição cometemos inevitavelmente o pecado da omissão. Por desconhecimento, por proximidade e envolvimento também. Todos sabemos que o percurso das instituições e a sua cultura é um produto colectivo. A actual direcção do Instituto quer pois igualmente significar um agradecimento geral a todos quantos, ontem e hoje, têm tecido e actualizado

este Projecto. Permitam-me no entanto, no contexto desta sessão, destacar ainda as figuras da Dr.<sup>a</sup> Maria Carlota Lobato Guerra directora da Escola entre 1950 e 1963 e de quem o Instituto é profundamente devedor de reconhecimento. A Dr.<sup>a</sup> Maria Leonor Corrêa Botelho, que assumiu a Direcção do ISSS após a morte do P. Honorato Rosa, num período particularmente difícil da vida institucional. O Dr. Carlos Augusto Fernandes de Almeida, director do ISSS entre 1968 e 1973, com um destacado papel na consolidação do modelo de formação, na inovação das práticas pedagógicas e nos dispositivos de gestão e participação. Entrei como aluno no Instituto, no período da sua Direcção e posso pois testemunhar a riqueza do espaço formativo que soube potenciar. O Dr. Mário Lages que assumiu a Direcção do Instituto em Dezembro de 1973 e que veio a integrar o primeiro Conselho de Gestão após Abril de 1974.

### III

O Instituto Superior de Serviço Social dispõe hoje, pesem embora todas as dificuldades, de um estatuto institucional estável e de um reconhecimento académico traduzido na atribuição da licenciatura e mestrado em Serviço Social. Neste quadro, a divisa “integração ou morte” que os estudantes do ISSS escolheram como sua bandeira, pode parecer hoje falha de sentido, pois nem a integração se consumou nem a morte ocorreu. Importa no entanto tomar consciência que o Instituto paga ainda hoje os custos da sua não integração no sistema de ensino superior público e convívio científico com outras formações universitárias na área das Ciências Sociais e Humanas. A autonomia institucional se potenciadora e vantajosa em muitos planos, explica igualmente os atrasos acumulados em termos de estruturação, modernização e desenvolvimento organizacional. A uni-disciplinaridade, se facilitadora da defesa de um estatuto académico e profissional, é limitadora do processo de construção de uma identidade divergente, num campo aberto e partilhado, com outras áreas de conhecimento e especialistas da intervenção social.

Neste sentido ser instituição privada de natureza cooperativa tem significado também a falta de apoio estatal a uma organização que até hoje tem assegurado uma formação que não é proporcionada pelo sistema público de ensino e que, sem fins lucrativos, tem ao longo da sua existência desempenhado um relevante papel de utilidade social. Ser uni-disciplinar tem significado estar limitado na participação directa no debate científico e académico no meio universitário das Ciências Sociais.

Ter obtido o reconhecimento académico da formação e atingido estabilidade jurídica foi porventura o dobrar do Cabo das Tormentas do Serviço Social e do ISSS, mas a nossa viagem continua no entanto em demanda do Oriente. São muitas

e complexas as tarefas e desafios que têm que necessariamente integrar o nosso programa de acção institucional nos próximos e decisivos anos.

Num plano, mais imediato, em face das actuais exigências sociais, do novo enquadramento normativo do ensino superior particular e cooperativo, e da perspectiva da avaliação do ensino superior público e privado, colocam-se ao ISSS importantes desafios:

- a qualificação científica e pedagógica do seu corpo docente, factor essencial à consolidação e aprofundamento da qualidade de ensino, para o que concorre igualmente a necessidade de revisão e aperfeiçoamento do Plano de Estudos da Licenciatura;
- o reforço da cooperação institucional com instituições universitárias;
- a melhoria das condições funcionais e de conforto para os que em Lisboa e Beja, aqui trabalham e estudam, através do alargamento e beneficiação das instalações;
- a criação das condições institucionais à autonomização do Polo de Beja;
- a modernização das estruturas administrativas e a melhoria e alargamento dos serviços de apoio aos estudantes (Biblioteca, Centro de Recursos de Informática, Centro de Recursos Audiovisuais, etc...);
- o aprofundamento da política de apoio social aos estudantes.

Num plano mais estratégico destaco duas linhas essenciais.

Em primeiro lugar a definição de um plano de desenvolvimento estratégico que posicione o ISSS no contexto actual do sistema de ensino superior e especificamente do sub-sector particular e cooperativo. Trata-se de um campo que, ainda que se registre a presença reguladora do Estado, é cada vez mais uma área sujeita às regras da economia competitiva e aberta, o que significa que a posição no mercado de ensino passa a ser decisiva para a sobrevivência das escolas-empresas ainda que empresas-cooperativas. O ISSS precisa pois, sem prejuízo de exigir e negociar com o Ministério da Educação melhores condições de apoio ao seu desenvolvimento, de realizar uma séria avaliação das suas vantagens estratégicas e desenvolver a sua capacidade competitiva, que hoje já não passa, como no passado, pelo valor das propinas cobradas.

Em segundo lugar, o aprofundamento da política de desenvolvimento científico da Escola. Importa não perder de vista que, o que hoje está em causa não é mais somente a ruptura da ciência com o senso comum, mas, como assinala Boaventura Sousa Santos, a grande questão que se coloca actualmente à Universidade (e aos cientistas) é o de abrir caminho para uma nova relação entre ciência e senso comum, isto é, a produção de um saber prático que ajude a dar sentido e autenticidade à exis-

tência humana (Santos, 1987). Assim sendo é fundamental que a política científica não desvalorize a formação prática, a área dos estágios, e invista seriamente na qualificação dos docentes e no desenvolvimento teórico-metodológico desta área essencial ao aprofundamento da qualidade do ensino-aprendizagem. Simultaneamente é necessário que a qualificação científica dos docentes não promova a formação de especialistas sem capacidade pedagógica, sentido da realidade social e pensamento crítico, num cientificismo fechado e academicista. Do mesmo modo, outra vertente do desenvolvimento da política científica passa pela necessidade de maior delimitação das áreas de especialização, de “expertise”, da escola em termos de pesquisa e produção de conhecimento, vertente essencial à clarificação das suas vantagens comparativas e potencialidades na relação com outras entidades e instituições universitárias.

#### IV

Uma última palavra para os finalistas da licenciatura em Serviço Social.

Vós ides iniciar a vossa vida profissional em condições de exercício exigentes quer pelo contexto profissional propriamente dito quer pelo contexto social. Um contexto profissional caracterizado por uma importante taxa de desemprego de licenciados num quadro de significativa expansão da área das Ciências Sociais e Humanas, pela alteração da natureza do trabalho, pela sua maior precaridade e pelo crescimento do trabalho independente. Um contexto social marcado por importantes problemas sociais como o desemprego, a pobreza e a exclusão social. Condições exigentes pois vos esperam. Estamos certos que sabereis honrar a vossa formação e o vosso diploma, valorizando uma cultura profissional referenciada pelos Direitos Humanos e Sociais e abraçando o vosso trabalho com profissionalismo, generosidade e paciente esperança. A Escola espera estar à altura de vos proporcionar oportunidades de formação ao longo da vossa vida profissional e conta convosco como interlocutores privilegiados para continuar a manter fortes laços de relação com a sociedade portuguesa e as suas organizações. Bem hajam!